

REDATORES

Mario Altenfelder Silva  
Mathias Roxo Nobre  
Paulo Villela de Andrade  
Gil Spilborghs

COLLABORADORES  
DIVERSOS



Redactor-chefe: Luís Baptista



ANO 1

Periódico literário,  
humorístico e noticioso

Faculdade de Medicina de São Paulo, 22 de Abril de 1930

Redação:  
Rua Brig. Tobias, 45

N.º 2

O primeiro numero d' "o bisturi"

Feliz, muito feliz foi a estréia do nosso jornalzinho: mal os primeiros exemplares começavam a aparecer, e já, por toda a parte onde se achavam os estudantes de medicina, se ouviam rumores de aplauzo, rizes e comentários entusiásticos.

Foi — confessamos — um acolhimento melhor do que esperávamos.

E isso, para os que de mais perto cuidam do jornal, valeu por uma grande satisfação, não só por mais poderem confiar na realização dos seus ideais, mas ainda por verem bem claro que os acadêmicos souberam compreender a essência desses mesmos ideais.

Si alguém surtiu que se manifestasse com indiferença ou pouco cazo pelo nosso jornal, si alguém ha que se possa enquadrar entre essas "catifras" ou "posidôras" de uma inteligência apática e embotada, têm sempre uma frase de caçada ou uma palavra de desprezo para tudo e para todos, a esses devemos desculpar a lamentável condição de assim procederem: são os que, por falta de iniciativa própria ou por "deficit" de mentalidade, não têm o alcance de saber interpretar as obras meritorias nem a coragem bastante para assinar com firmeza o proprio nome.

De tais elementos, felizmente, parece estar quasi izenta a nossa Faculdade.

Continuem assim os colegas, e cremos poder afiançar que "o bisturi" terá assegurada uma vida longa e proveitosa.

Deste modo, discutiremos os jatos que mais nos atinjirem e procuraremos, cada vez mais, estreitar as amizades dentro da classe academica, tudo, porém, no ambito sempre das linhas seguras da razão e do bom senso.

Assim, pugnando pelos nossos ideais, realçaremos a lembrança das glórias da nossa Escola e buscaremos outras mais para somar ás primeiras, em nome do progresso de São Paulo e do Brazil.

O Centro Academico "Oswaldo Cruz" quer e precisa de seu auxilio.

O progresso de uma nação está na razão direta da qualidade de seu atleta.

Prof. Guilherme Bastos Milward

"o bisturi" presta hoje testemunho de admiração e de reconhecimento a uma das personalidades mais ilustres do majistério médico — o Prof. Guilherme B. Milward.

Cientista notável em mais de um departamento do saber humano, pesquisador que reúne ao espirito minucioso de analista a cultura enciclopédica profunda e sólida — é, sem embargo, o maior amigo e o mais infatigável defensor da classe docente. Ao invés de se fechar em seu gabinete na persecução de experiências e indagações puramente científicas, o ilustre professor de química se põe totalmente ao dispor dos alunos, esclarecendo-os, adestrando-lhes o raciocínio e



Prof. Guilherme Bastos Milward

a experimentação, transfundindo-lhes muito do seu inexgotável saber e da sua longa experiência. Assim é que a instituição do tempo integral na docência da Faculdade veio encontrar a cadeira de química já na prática efetiva do regime. E' tradicional ai o inicio do curso pela familiarização da turma com o laboratorio antes de lhe serem ministrados os conhecimentos de ordem teórica. Isso vale por uma verdadeira renovação nos processos da didática científica, e que a amolda perfeitamente á doutrina aristotelica; renovação que imprime do aprendizado moderno da ciencia, caráter inteiramente novo, e o faz concordar com o processo pelo qual se adquirem e consolidam as leis naturais. A aplicação dessa nova compreensão do majistério científico coube efetivamente ao nosso homenageado de hoje, pois a cadeira de química já a praticava de longa data quando o eminente sábio que é Marcel Boll a expôs e defendeu, na França.

Graças a essa maneira de compreender e efetuar o majistério, o curso de química representa para os estudantes desta Casa uma escola inestimável, em que a produção científica se processa em larga escala, com ampla liberdade de ação, e com inteira independência doutrinaria, que a cadeira não impõe orientação teórica, antes respeita — qualquer que seja — a dos academicos. Além da farta messe de materias objetivos, os alunos tomam ai outra disciplina para o espirito — a de trabalhar espontaneamente, obrigando-se a si mesmos, pela

evolução moral da própria consciencia. Vale como prova o numero de preparações químicas, algumas bellissimas, que se acumulam em cada ano letivo em preparações realmente prodijozas quando cotejadas com a escasséz de verba anual de que dispõe a cadeira.

De parte o habito do labor científico e de esteiar o raciocinio nos dados objetivos colijidos, infunde ainda o Prof. Milward em seus alunos esse outro não menos precioso de criticar as noções que adquirem, afim de construir para si um criterio determinado. Essa uma das multiplas razões que fazem do Prof. Milward o amigo sempre bem-amado de todos quantos tiveram um dia a inequalvel satisfação de haver sido seus alunos.

Logo que se fundou a Faculdade de S. Paulo, no periodo em que eram chamados á docencia as grandes notabilidades estrangeiras, a diretoria houve de enfrentar o problema de decidir a quem competiria a cadeira de química. Consultado a respeito o ilustre vulto que foi Leonidas Damazio, o Director da Escola de Minas de Ouro Preto, indicou isto sem vacilar o homem capaz de arcom, á enorme responsabilidade: era Prof. Guilherme Milward. Lá indicação não podia deixar de receber o aplauzo de outra autoridade eminente, como o velho Gonzaga de Campos, o inesquecível diretor do Serviço Geológico do Rio. E assim foi que o querido mestre se apresentou á cadeira com a formidável responsabilidade de dois nomes imortaes, cujas memorias tem sempre honrado e enaltecido. Dentro desta casa o dicipulo bem amado do velho Feijó, do Rio, em cuja clinica obstétrica deixou um nome brilhante, como deixaria em seguida no celebre curso de engenharia de Ouro Preto, e mais tarde no Serviço Geológico, havia de identificar-se com a Faculdade de Medicina a que empresta particular prestijio. Exemplo disso ai está o estandarte da Escola, obra admiravel de erudição, de síntese, de simbolismo, em que a concepção estética vai de par com a profundéz, da cultura e do talento; e que com muita felicidade se objectivou em painel pelo pincel de Pereira da Silva.

Porém, o prof. Milward não só na catedra se devota ao engrandecimento do patrimonio intelectual de nossa patria. Haja vista o gigantesco trabalho de reconhecimento e identificação geologica por ele realizado ao Serviço de Gonzaga de Campos, no periodo de 1918-1924, em que se afastou do majistério para esse fim. Além da determinação de nova série geológica, de descoberta e localização de numerosos accidentes geográficos e de correção de levantamentos de carta — serviço que antes não se efetivava e que professor Milward realizou sozinho — além desse gigantesco empreendimento, ainda lhe deve o Brazil um outro que a nenhum se equipára: a descoberta de um manancial de rede, inexgotável e unico no mundo. Tudo, e este ultimo cometimento em particular, ficou profuzamente documentado e precizado em trez alentados relatorios que o grande geologo e químico apresentou á repartição competente. Lembremos ainda o precioso exemplar com que ele enriqueceu a nos-

A pintura modernista

A acrimonia das discussões sobre pintura modernista torna interessante o conhecimento das considerações teóricas que lhe serviram de orijem.

Apesar de seu caráter extremamente radical, deve-se reconhecer que possuem uma boa dóze de lojica; e se a realização pratica dos principios adotados como ponto de partida é falha, não se póde deduzir que sejam errados esses mesmos principios.

Começam os modernistas por analisar, com precizão, o verdadeiro alvo da pintura, sua finalidade unica essencial. Dezenpenhava outróra funções que as descobertas de Daguerre Guttenberg tornaram accessorias; servia ao principio, cujas glorias tornava conhecidas; auxiliava sacerdote e o juiz; era uzada pelo decorador como recurso ótimo. Para atender todas essas necessidades, o pintor, ao manejar o pincel, devia obedecer a certos motivos de ordem mais literaria ou filosofica que artistica, não podendo deixar-se arrastar pelos impulsos de lirismo, puro e dezinteressado.

Hoje, com os enormes progressos da tecnica, o pintor póde ser, enfim, um poeta e a pintura realizar o seu destino fundamentalmente lirico.

Chega-se assim á definição ousada de que "o quadro é apenas um dispositivo produtor de emoções". Uma vez satisfeita essa condição "primordia", é inútil verificar se a natureza foi bem copiada ou se os valores plasticos atribuidos aos diversos objetos não correspondem áquele a que nos habituaram as observações quotidianas.

Tudo isso está muito lonje das concepções classicas.

A arte maravilhosa da Renascença é baseada exclusivamente no estudo cuidadoso do mundo objetivo, embora através o prima individual. Leonardo da Vinci estabelece como verdade indiscutível que o pintor deve conhecer todos os segredos da natureza, afim de os revelar no painel. E' curioso notar que as idéas de Leonardo foram, em seu tempo, revolucionarias — logo após, os iconografos, cujo fim unico era ilustrar, de modo sumario, as historias biblicas, chegava a ser uma herezia proclamar que a pintura devia tudo á natureza: a sua orijem e o seu fim, a sua inspiração e a sua força.

Estamos hoje em situação analogá: os modernistas exigem a liberdade completa do pintor, que deve, entretanto, provocar emoções liricas; os recursos de que póde uzar são o colorido e a forma — não pelas possibilidades fotograficas que oferecem, mas pelos seus valores plasticos. A' nossa mentalidade, dezenvolvida na admiração dos genios do passado, repugnam conclusões de tal modo extremas.

(Continúa na ultima pagina)

sa paleontologia, e que recebeu o nome de Fólidosaurus Milward.

Aguardamos com ansiedade que venham a lume os "Comentarios sobre o Estandarte" em que o Prof. justifica e fundamenta os fatos representados no painel; e ainda os tratados de química mineral e organica, onde se consubstanciam pesquisas invulgares e hoje desconhecidas no meio científico em geral — aos quaes, porém, o indefeço escrupuloso do Prof. Guilherme Milward não permitiu a imprecindível publicidade.

Ái ficam, em duas penadas rapidas — ao que nos força a angustia de espaço, — as nossas expressões de reconhecimento e de admiração para com esse luminar do majistério científico.

## “Seu” Venancio

Trinta anos atrás e aquele arraial, perdido na margem direita do Rio Parado, nada indicava que haveria de crescer tanto, com aquelas duas ruas quase retas, sulcadas fundo pelos pneus dos carros chiadores. Nem se sonhava ainda a realidade do ouro verde em cada cafezal, plantado com carinho, nas imediações daquelas fazendas grandes, que eram ao mesmo tempo: lar e oficina, escola, teatro e ermida com as suas imagens antigas do tempo colonial!

A abolição dos engenhos de cána, que funcionavam em detrimento da cultura cafeeira, não veio de modo algum diminuir o consumo da pinga entre os pretos da Jacuba, primeira geração dos forros de SS. Parece, entretanto, que nem todos gostaram da tal lei áurea. “Seu” Venancio, por exemplo, substituiu a senzala e a moenda pelo armazém do “seu” Martinho, à beira daquela velha estrada poeirenta que levava à fazenda, e continuou escravo da caninha. E era triste vê-lo deitado horas a fio na soleira da porta ou no balcão engordurado, ele que fora o orgulho do eito, o cabra mais sacudido da redondeza.

Aos sábados voltava tarde para a fazenda ou chegava até o arraial, pernolando em casa da comadre Geraldina. Nessas ocasiões, após bebadeira, o sol vermelho e grande do ocaço parecia rir-se dele, em zigue-zagues pela estrada em fóra, levantando nuvens de pó vermelho e pegadiço. E si um tropeiro conhecido, cavalgando uma mula bem ajazada, passava por ele, soltava entre dentes um “coitado” unido de piedade.

Acontecia às vezes também que “seu” Venancio, incapaz de proseguir, deixava-se ficar naquele cemitério tão distante da vida, deitado aos pés de um cruzeiro antigo para levantar-se pela manhã, aos primeiros raios do sol, claro e prazenteiro, talvez mais alegre na bonhomia das suas palpebras empapuçadas...

Pobre “seu” Venancio! O tempo fez mais frequentes as suas visitas ao armazém da estrada e os cruzangos do cemitério a receberem sem protestos, nas noites de luar, aquele hospede esquizito.

No ano em que café começou a dar bons lucros, o casamento da Benedita, a mulata mais dengoza e reboladeira que eu já vi, filha da Geraldina, foi o assunto da camaradagem de todas as fazendas vizinhas. O sol naquele sábado encontrou a casa da noiva num reboliço e numa azafama fóra de comum. Cada comadre porfiava em assar melhor um quarto de cabrito ou de leitão que, depois, na travessa e salpicado de rodélas de limão, fazia chegar às pituitárias mais distantes um cheiro bom de festa e de fartura...

Também “seu” Venancio, de manhã cedo, deixou o seu rancho decidido a judar a comadre na festa do casamento da filha. E lá ia ele assoviando dum jeito que só os coboclos sabem, uma moda de viola, sol alto, garganta resequida, quando “seu” Martinho de dentro do armazém o avistou:

Devia haver uma razão mais forte e mais íntima que o impelisse.

Entre todas as amantes de Cezar, havia uma, — Servília — que por mais tempo o prendera, e que teve sempre um papel saliente em sua vida ajitada.

Servília tinha entre outros, um filho que nacera (assim nos conta Plutarcho), “quando seus amores com Cezar andavam na maior força”, e cuja paternidade lhe era por isso maliciosamente atribuída. Esse filho era Brutus.

Possem ou não verdadeiras essas insinuações, o facto é que Cezar dispensou sempre à amante e ao suposto filho, um carinho todo especial.

A ela, dera-lhe outrora uma perola de seis milhões de sestercios (270 contos); agora, de volta de Farsalia, inundava-a de presentes.

A ele, cumulava-o de benefícios, perdoadava-lhe todos os erros.

“Quando já a republica estava dividida em dois partidos (diz Plutarcho na Vida de Brutus), tendo tomado as ar-

## Anuncios

### PREÇOS

#### Primeira e ultima pajinas:

Toda	300\$000
Repetição	250\$000
Cm. por coluna	3\$000
Idem, repetição	2\$500

#### Pajinas intermediarias:

Toda	200\$000
Repetição	150\$000
Cm. por coluna	2\$000
Idem, repetição	1\$500

Os preços de meia pajina e quarto de pajina seguirão tabela proporcionalmente.

Gozará de abatimento de 20 % quem tomar uma assinatura de anuncios.

— Olá, “seu” Venancio! Passando ao largo, heim? Vamos a ver um trago, homem!

O preto não resistiu. O primeiro gôpe prezenciou a sequencia de outros e foi entre vexado e arrependido que “seu” Martinho, horas depois, da soleira da porta do seu armazém, acompanhava com a vista aquele preto esguio, cambaleando pela estrada em fóra, deixando atrás de si uma nuvem de pó vermelho e pegadiço...

A noite, pela mesma estrada, demandando a festa, seguia em algazarra uma turma de rapazes da fazenda, sobreshahndo entre todas as voz do Manecão. Céu estrelado, mas sem lua e o farfalhar das folhas daquelas arvores beirando o caminho tinha um quê de lugubre que insensivelmente ia fazendo calar os mais tagarelas. Caminhavam todos agora em silencio, até que ao passarem perto do cemitério Manecão quiz anmar o grupo:

— Vamos convidar os defuntos pra festa?

— Deixa de brincadeira, atalhou logo o Chico Pedro.

— E' bom não brincar com essas coizas, falou outro.

— Qual, vocês estão com medo, phservou o Manecão, e com todá a for dos seus pulmões:

— Qual é o defunto que quer ir pro samba?

Um vulto esguio mexeu aos pés do cruzeiro, levantou-se cambaleando em direção aos rapazes espavoridos, com os braços erguidos e gritando roucamente:

— Esperem aí que eu também vou!

Não houve samba nem ceia aquela noite. No dia seguinte, entre outras coizas, encontraram o véu da noiva na capoeira que cerca a casa da Geraldina e onde os chororós á tarde cantam horas seguidas...

“Seu” Venancio, desde aquela vez, não pôz mais na bôca um trago da branquinha e até poucos anos, os últimos dias da sua vida, passava construindo arapucas para o afilhado travesso, o primogenito da Benedita, a mulata mais dengoza e reboladeira que su já vi e que Deus tenha na sua santa guarda!

RIBEIRO DO VALLE

## O Regresso

Impressionava, tristemente, o aspecto da misera cabana. As paredes denegridas, aqui e acolá, deixavam ver em largas escavações, a taquára já desfeita, que servira de esqueleto á pobre construção, que fóra o ponto de apoio para a terra batida, unica argamassa uzada na arruinada choupana. A palha de sapé da cobertura, que em outros tempos deveria ter sido sufficiente proteção contra as chuvas e os ventos frios do inverno, mostrava-se agora apodrecida, deixando em varios pontos a descoberto o interior da habitação.

Respirava-se em tudo o abandono, em tudo percebia-se um aspecto de tristeza. Em volta do cazebre o mato crecera desoladoramente.

Contudo, sim! é verdade, ainda havia vida em meio á esta desgraça: percebia-se, partindo de dentro da habitação, o ruído sufocado, que punjia duramente o coração, de um pranto dorido, de algum que certo temia ouvir som de seus próprios soluços; e esse pranto, e os gemidos, e os cortantes soluços, passavam abafados para o exterior da choupana, através a abertura da porta, da qual, talvez, folha de madeira tosca, tivesse sido arrancada para alimentar o fogo que deveria preparar o caldo a um moribundo.

Alguem se aproximava do cazebre. Era um individuo cujo andar titubeante demonstrava o cansaço, senão trazido pelo peso de uma longa existencia, ao menos determinado por uma vida que não fóra traçada nas normas da regularidade; aliáz sua fisionomia apoiáva essa hipóteze; a expressão do rosto estigmatizava um individuo, a quem o vicio da embriaguez, trouxera desde muito aconcordado.

O homem aproximava-se. Era Tonico Pirapóra, que habitára, tempo passado, o mízero cazebre.

Já se contava por varios mezes, o tempo em que Tonico Pirapóra partira do logarejo em que morava, junto á cidade de X...; já se passavam varios mezes, em que deixára ele, no mais condenavel abandono, a pobre companheira de sua vida, que era ao mesmo tempo uma vítima paciente, quasi conformada, do máu genio do cabóclo, máu genio que se exacerbava ainda mais, nos períodos de embriaguez, o que era bastante frequente.

Abandonára a pobre mulher enraquecida por terrível molestia, que a consumia, e pela miseravel e trabalhosa vida que tivéra sempre de sofrer, para assegurar a subsistencia propria, e a de seus dois pequeninos filhos, um de trez anos, e outro que ainda amamentava, e também a de seu marido, que não obstante a pobreza da desgraçada familia, queria exijir lhe fosse sustentado seu vicio degradante.

Abandonára-a assim, em um momento de irrefreada covardia, quando em um de seus costumeiros estados de embriaguez, sua desgraçada mulher tentára negar a insignificante féria que conseguira

## EXPEDIENTE

As colunas d'“o bistrú” serão franqueadas a todos estudantes das Escolas Superiores do Brazil que endereçarem suas colaborações para a rua Brigadeiro Tobias n. 45, sede do Centro Academico “Oswaldo Cruz”, ou entregarem diretamente aos redatores deste periodico.

Todos os artigos deverão ser assinados: assim como a assinatura não exclue pseudónimo, o pseudónimo não exclue a assinatura.

O autor, será o responsavel pelas opinões emitidas.

A publicação de artigos assinados não significa comunhão de idéas entre redação e o autor.

á custa dos maiores sacrificios, afim de que algum alimento pudesse ter para os innocentes filhos, e pudesse saldar a divida contraída diariamente no boticario.

Cazára-se havia quatro anos, e poder-se-ia dizer, se não fóra o pouco de carinho que dispensou á esposa a principio, que o fizera apenas para ter algum a quem pudesse fazer suportar seu genio iracivel, suas brutalidades inconditas.

Abandonára a pobre mulher, e nunca pareceu sentir a sua falta, salvo, talvez, por não encontrar quem lhe dedicasse cuidados, quando o vicio em que vivia, o levava ao leito por dias consecutivos.

Talvez não fosse outro o motivo porque voltava agora, passados alguns mezes.

Já na curva do caminho, avistando o mízero cazebre, parou por um instante, cantarolando uma canção da giria.

Relanceou em torno o olhar e aflorou-lhe aos labios grossos um sorriso maldozo ante o pensamento da surpresa bastante desagradavel que havia de experimentar sua pobre mulher, com sua volta. Tinha ele como certo que esse regresso havia de marcar, para a esposa, o inicio de outra época de máus tratos e provações, maiores que as que passára na sua ausencia. Recordava-se dos mártiros pelos quais a fizera passar, e sentia-se nessa recordação o prazer do mal que determinára, a volupia do crime.

Continuou a caminhar; chegou á porta; a um canto da suja choupana, seu filho mais velho, de tres annos, chorava convulsivamente, o rosto escondido nas mãozinhas pouco limpas.

Entrou, e sem uma palavra, dirijiu-se ao segundo compartimento do cazebre, que era a um tempo a alcova e o deposito de couzas velhas; e, estarecido quedou imóvel pelo espanto, ante esse quadro horrivelmente tetrico:

Sobre um leito miseravel, de cobertas desfeitas e sujas, jazia extendido, inerte, um corpo já em decomposição, o de sua mulher, morta, por certo, pela doença implacavel que a vinha consumindo.

E junto do cadaver esverdeado, sobre o seu peito, no seio murcho e frio, sugava avidamente a criancinha, — o seu segundo filho!...

FONSECA RIBEIRO

# BRUTUS

(Considerações psicanalíticas em torno de um fato historico)

por PAULO JOSE DE TOLEDO

mas Pompeu e Cezar, parecia certo que Brutus seguiria o partido de Cezar, porque seu pai tinha sido morto antes por Pompeu”

Entretanto, contra a expectativa geral, Brutus uniu-se Pompeu e partiu para Farsalia. Aliava-se assim ao assassino de seu pai.

Não foi levado a dar esse passo pelo seu odio á tirania, pois Cezar jogava ainda a sorte das armas.

Essa adezão a Pompeu está, comtudo, plenamente de acórdio com suas condições afetivas, pois para aqueles que têm um odio inconciente contra o pai, o assassino deste torna-se merecedor de todo o reconhecimento.

Por isso, Brutus manifestava sua gratidão inconciente, tomando o partido de Pompeu.

Buscando justificar a extraneza dessa attitude, iludia-se a si proprio dizendo que os “interesses da patria eram superiores aos odios particulares”; como si os interesses da patria estivessem decididamente nas mãos de Pompeu. Quer Cezar vençesse quer Pompeu, o vencedor tornar-se-ia tirano.

Era portanto uma desculpa fraca.

Cezar, não obstante, temia pela vida de Brutus. Antes do encontro decidio com Pompeu em Farsalia, recomendava aos seus soldados que o poupassem.

Vencedor, Cezar chamou Brutus para o seu lado e ele, que pouco antes censurara Cicero por preferir aos horrores de uma guerra civil, o jugo de uma tirania branda, curvou a cabeça e submettu-se. Virtuozo Brutus!

Pouco depois, Cezar confiou-lhe o governo da Cizalpana. Mais tarde, nomeou-o pretor, preferindo-o a Cassio, muito mais competente. Estimava-o como a um filho e fez por ele o que só um pai poderia fazer.

Ele porém tinha-lhe odio, dizendo que Cezar queria compra-lo.

Outra illusão. A verdade é que não suportava ver Cezar ocupando junto á mãe — Servília — um lugar que inconcientemente dezejava para si. O que ele Brutus, tivera de recalcar, Cezar conquistara. Isso revoltava-o

O pai fora assassinado por Pompeu, mas Cezar substituiu-o. Era preciso eliminar este novo rival.

(Continúa)



# PAJINA LITERARIA

## OUTONO

Versos de GIL SPILBORGHES.

Outono.  
As folhas amarelecidas,  
andam numa sarabanda estonteada  
pelo ar,  
quem douradas borboletas ensandecidas  
correndo umas atrás das outras

Folhas amarelecidas.  
Vêm caindo dos ramos quasi nus,  
zig-zagueando pelo ar...  
Têm um barulho de azas enfraquecidas  
que vão batendo de vagar...  
que vão morrendo de vagar...

Outono.  
As folhas amarelecidas  
tanjidas pelo vento,  
rolam numa sarabanda louca,  
quem douradas borboletas fencidas,  
pelas alamedas dos jardins

São assim também os amôres  
que porrem dentro dos corações.  
Só de vez em quando,  
tanjidos pela lembrança... revolteiam,  
e sobem e decem no pensamento  
por um instante...

Outono.  
As folhas caídas,  
são como sonhos mortos  
que ficam rolando no esquecimento

## NA IGREJA

FERNANDO DE OLIVEIRA BASTOS.

Domingo. Vae a missa em meio. Iluminado,  
o ambiente resplandece de beleza e encanto.  
Ha um coração piedoso e crente a cada canto  
e um livro de orações aberto a cada lado.

Rezam todos baixinho. O turib'lo sagrado  
descerra a pouco e pouco em toda a igreja um manto  
de perfume subtil, e tudo é casto e santo  
ante o dólido olhar do Deus crucificado.

Termina a Comunhão. Vão lentamente os crentes  
retornando do altar. Uma chama de luz  
ateia em cada olhar reflexos inocentes.

Voltam, cabeça baixa, as mãos postas em cruz,  
mal contendo no peito os corações ardentes  
na suprema ventura de hospedar Jezus!

## É NOITE

E' noite.  
O vento frême, uiva, rebrame, encrespa-se sinistro,  
prezo na garganta das ruas, no anuncio trajico das  
tempestades.

As folhas tremem á passagem nefasta da ventania.

Si o ar abranda carreira, as aves notivagas  
soltam do peito, o canto agudo da sua tristeza infinita.

Pezadas bategas, incensam o pó fino que atapeta  
as superfícies escuras, lançadas dos turbulos das nuvens  
de escumilha.

As descargas electricas chicoteiam as trevas, fazendo  
pisar o olho grande da noite imensa, escura e medonha.

Cái a chuva no acceso rouco, soturno triste,  
como se fosse a saudade a cair na alma de alguem  
que, partindo, parasse pelo caminho, a olhar o debuxo  
verde-esperança da juventude...

Cessa tempestade, cessando a ventania.

As enxurradas tumultuam nas sarjetas das calçadas,  
como se fossem lagrimas choradas pelo mundo.

Rútila majestosa, a aurora abre o leque de espículas  
reluzentes, estigmatizando vida, na combustão  
violenta da materia.

Valvula dinamica que transborda energia põe reticências  
lonjiquas no céu...

Os passados soltam a saudação perêne ao dia,  
enquanto o caminhante prosegue cantando: como  
é doce na velhice, viver da mocidade

Farfalhão.

## Se tu voltares...

Recordo com saudade aquele dia...

O labio meu colado ao teu ouvido,  
falei-te, meu amor, que te queria  
e me disseste o quanto fui querido.

Acreditei em ti, e na alegria  
de ouvir dos labios teus a confissão,  
não noite no teu rosto a hipocrizia  
nem a maldade no teu coração.

Mas se voltares a falar-me, louca,  
do teu amor, que tanto mal me fez,  
hei de colar meus labios em tua boca.

Hei de fazê-lo, sim, unicamente  
para impedir que mintas novamente,  
como mentiste da primeira vez.

J. F. Machado de Assis.

## A CAVEIRA

Um botão de rosa...

Primavéra...

Polichinelos, alijero velocipede,

Bombons, pipóca, amendoim torrado...

— Papae me dá um tostão!

Quero vêr o Tom Mix!

Calcinha de veludo! Golilha de renda...

A, B, C...

1, 2, 3...

2 e 2 são quatro

Colejio de padre! Fala grossa,

Bigodinho... Calça comprida,

Olhos languês! Moreninha faceira,

Coração palpitante

Ai! Amôr!

Louco Amôr!

Eia!

Adão e Eva...

Fruto proibido...

Expulsos do paraizo!

Sorte ou desdita...

Fortuna ou miseria,

"Struggle for life"...

Luta medonha!

Picarêta, pêne, martêlo, serrrote, viola, piston,

Microscopio, bisturi, Codigo Civil, pincel, enxada,

Bussola, foice e o diabo!...

Enigma cruel

Donde vem, para onde vae?

Grande misterio...

Dois pimpolhos, ou mais dois botões de rosa...

Fios de cabelo branco...

Maldito reumatismo!

Oculos...

Barbaças, rapê; etc...

Esquife...

Sinos a bimbalhar...

Pax vobiscum...

Isso tudo, é o que me sujeres neste instante,

O! caveira!

O! caveira!

JOÃO DE CA'.

## CARNAVAL

Ceptico, pára e escuta:

— a miseria, vestida com requintada magnificencia,  
tendo no rosto a mascara de setim e nalma a  
iluzão efemera de que é feliz, entra com o peito oprido,  
exteriorizando gestos de quem vive o ano  
todo com o ventre rechonchido...

... e o ceptico parou e ouviu a voz arlequinada  
do carnaval.

Tudo ri, tudo canta — chora o bom senso.

Perambulam na mesma ansia o fanfarrão,

"Pierro" e a Colombina.

Três dias de folga, de liberdade aos preconceitos,  
em que desaparecem os impedimentos da cretinice dos  
homens, porque a libertinagem se fantazia da inocencia.

O momo passa e com ele vassalagem parva:

— todos os males do mundo.

Rodopia por toda a cidade, cinje todas as almas

— todos os labios beija...

O povo esquece os dissabores de hontem revolteia,  
canta e freme...

A minha vizinha, que tem o grande vicio de ser feia,  
tinje os labios com o vermelho vivo das portas do inferno e,  
com uma capacetico conico á cabeça procura disfarçar as  
rugas que a inclemencia dos anos lhe não poupára.

Interpelei-a e ela, fingindo uma jovialidade que não  
possue, retorcendo os labios numa afetação ridicula,  
respondeu-me que lhe doia muito o não poder passar a vida  
inteira com aquela mascara...

Ha uma metamorfoze perfeita, um torpôr em todos os  
sentidos — uma utopia em todos os problemas sociais.

Carnaval! Carnaval!

Loucura unica permitida — alegria vã dos desgraçados!

PAULO VILLELA DE ANDRADE.

## A caminho...

Percorri a monotonia  
cinzenta das horas  
á procura de mim mesmo  
por onde havia homens.

Quando a tarde caiu  
rumei pelo crepusculo incolor a dentro  
sem encontrar ninguem.  
Nem a fadiga vinha repouzar o braço  
sobre o meu hombro.

O espaço era disforme,  
inconciente,  
estava sempre á minha frente  
não me dizia nada.

O meu ritmo interior  
era o de meu passo  
que me transportava  
para a compreensão.

A duvida  
não reinava pela estrada  
porque a lua não viêra desperta-la  
em sua caverna.

Si eu tivesse parado  
a qualquer instante  
eu teria sido  
a realização de mim mesmo.

Si eu tivesse parado  
— a qualquer instante —  
eu continuei caminhando.

Nun de Moab.

## Liga de Combate á Sífilis

Tomou posse do cargo de interno-chefe dos Postos da Liga de Combate á Sífilis, no dia 6 do corrente, o nosso colega Henrique Mindlin.

Ocupou até aqui aquele cargo, com rara habilidade e devotado esforço, por todo um período de vida académica, o nosso grande amigo João Gomes Cardim.

A Liga teve sempre, na pessoa de Gomes Cardim um bom auxiliar, trabalhador e inteligente.

Com a sua formatura perdemos sua cooperação eficaz.

\*\*\*

Tendo terminado no dia 16 de março o mandato do prof. Aguiar Pupo, diretor clínico da Liga de Combate á Sífilis, Diretoria do "Centro Académico Oswaldo Cruz" reunida extraordinariamente, resolveu mante-lo no mesmo posto, considerando-o merecedor da gratidão reconhecimento dos alunos da nossa Faculdade, não só pelos relevantes serviços prestados á Liga, no longo período de dez anos, como ao nosso proprio Centro.

Ao prof. Aguiar Pupo foi enviado um officio comunicando a sua reeleição e agradecendo os serviços prestados até agora.

\*\*\*

O dr. Joaquim Azevedo, por não poder atender ás exigencias do Posto, pelas suas multiplas obrigações, pediu sua exoneração do cargo de medico auxiliar, sendo escolhido para substituí-lo, o dr. Nelson de Souza Campos, ex-interno-chefe e dedicado auxiliar da Liga.

Foi enviado ao Dr. Waldomiro de Oliveira, director do Serviço Sanitario, um officio agradecendo os relevantes serviços que S. Excia. prestou á Liga e continúa a prestar.

De facto, ao apoio franco que temos recebido do Dr. Waldomiro, devemos em grande parte o sucesso da campanha que vimos sustentando contra a sífilis.

Muitas vezes foi seu interesse pelo nosso trabalho que nos animou a encetar emprego de execução bastante difficil e ainda agora é seu aplauzo sincero que nos incita a iniciar a campanha de profilaxia das doenças venereas.

## Estreantes de Medicina x Mackenzie

Está marcada para dia 1.º de maio competição atletica entre os nossos estreantes os do Mackenzie College.

São considerados estreantes todos os rapazes que ainda não conseguiram collocação nos torneos da Federação, embora eles já tivessem tonado parte. Dos nossos atletas só o Ferrera o Chicuta não entrarão. O Ricardo está ainda resentindo acidente de que foi vitima no Paulistano e é muito possível que não defenda as cores da Faculdade. Tal acontecimento não nos deve causar dezanimo, muito ao contrario, agora é que devemos treinar com bastante vontade, pois que temos elementos capazes de obter resultados bons, talvez suficientes para enriquecermos o nosso armario com mais uma taça...

A noite no Conservatorio haverá uma reunião musical organizada pelos alunos do Mackenzie em colaboração com os de Medicina, na qual serão apresentados numeros fantasticos, inteiramente inéditos para S. Paulo.

Esta festa te mpor fim estreitar nossas relações com os academicos das outras Faculdades, tentando contribuir para realização em época não muito distante do sonho que ha muito acariciamos — a Universidade.



Grupo de atletas da Escola. Todos, são quasi campeões...

## Caza do Estudante

*Diretoria provisoria*

No ultima sessão realizada pelo "comitê" organizador da Casa do Estudante foi eleita a sua Diretoria provisoria ficando assim estabelecida:

Presidente da Comissão Deliberativa, prof. Dr. Ernesto de Souza Campos; Presidente da Comissão Executiva, académico Aureo de Almeida Camargo; Representantes das Escolas Superiores (Direito, Polytechnica, Medicina e E. Engenharia do Mackenzie): os srs. professores: Mario Mazagão, Fonseca Telles, Arthur Motta e academicos, Edgard Pereira Barreto, Pedro Assumpção, Benedicto Machado, Mario Altenfelder Silva, Luiz Batista, Henrique Mindlin e Gounod Oliveira.



DR. PAULO TOLEDO ARTIGAS

Presidente que deixa o centro académico "Oswaldo Cruz" após relevantes serviços.



DR. DREYFUS VISTO POR ZACAL.

Com u hematovixina  
O nucleo cora-se bem  
!Os outros que uzam "carmin"!  
Corados ficam tambem.

## 1913 1930

Comemorou-se a 2 de abril p. p. o 17.º aniversario da abertura do curso medico em S. Paulo.

A data foi dignamente festejada pelos corpos docente e dicente da nossa Faculdade.

Falaram o prof. Cunha Motta e o académico Paulo Villela de Andrade, aquele pela Congregação e este pelo Centro "Oswaldo Cruz"

## NOTAS SOCIAIS

Acaba de fundar-se, no 4.º ano, a "Sociedade Radio Faladôra", cuja diretoria ficou assim constituída:

Presidente — Pepino, o Rico.

Vice-presidente — o Lingua.

Secretario — o Rei das Ondas.

Oradores — todos os socios.

Tezoureiro — não é necessario.

A nova associação tem por finalidade primordial falar mal da vida alheia.

A condição exigida para os que quiserem inscrever-se como socios, é que tenham em perfeito estado de funcionamento os orgãos da fonação. Quanto ao mais, não tem importancia...

As ultimas aquisições (aliáz valiozas) da Sociedade foram: o Baratão, o Teretetê... o Orgulho e o Sabão.

Segundo nos informou o dr. Penquinhas (um dos socios entusiastas), não pode ser ainda fixada a data da posse da Diretoria, pois o presidente acha-se afetado de um aneurisma... da lingual.

## Poleiro do "Bisturi"



JOAQUIM LACAZ

I

Com a cabeça toda sarapintada  
Foje este rapaz á qualquer sarilho.  
Ele parece que tomou geada,  
Por isso seus cabelos têm rastilho.

Numa ironia lepida, danada,  
Faz trocadilho sobre trocadilho.  
Tem uma rizada alvar, encabulada,  
E quazi sempre em fórmula de estribilho.

Certa vez falou Don Joaquim Lacaz,  
Sem preambulos e sem gabolice:  
O! ser da escola o mais belo rapaz.

Mag Neto.

## TROVA

E' cousa de outro dia  
Esta verdade completa.  
Com toda a sua barriga,  
Ser o Raul Braga atleta.

## Beliscões

Numa rodinha, no Araçá, entre o intervalo de uma aula e outra, discutia-se o problema da navegação aerea.

Quando a discussão estava no auge, o Plinio Barreto tomou a palavra e explanou esta sua idéa genial:

Considerando que o aeroplano não possa rezolver o problema da navegação aerea;

Considerando que o aereostato tenha fatalmente que dominar o futuro como dizem os alemães;

Considerando que todo o problema do aereostato tem por incognita um corpo mais leve que o ar;

Considerando que o conteúdo dos balões deve ser o mais leve possível para diminuir o volume dos aereostatos;

Considerando que o hidrogenio não consegue satisfazer as exigencias do cazo, apesar de ser o mais leve dos gazes;

Chego á conclusão simples i... racional.

Encham-se os aereostatos com um conteúdo cujo pezo será nulo: encham-se os aereostatos de vacuo.

—o—

O Macedo deu agora para filozofa.

Pois outro dia, filozofando, achou que este mundo está mal feito.

Imajinem, dizia elle aos collegas; si o sol nacesse de noite, não seria melhor? Pois o dia já é tão claro!

—o—

## EPITAFIOS

Quando "seu" Luiz Batista  
Deixar este mundo, descrente  
A' todos os vermes fará  
Socios da "Beneficente"

Quando morrer o Villela  
Orador de longo curso,  
Aos proprios vermes, na cova,  
Pará, decerto, um discurso.

## A pintura modernista

*(Conclusão da primeira pajina)*

Outro ponto essencial da nova corrente artistica é a tendencia para a ordem geométrica.

Afirmando ser o homem um "animal geometrico", ordeiro por constituição, dizem que ele só acha bela natureza quando, por coincidência, apresenta um aspecto lojico e ordenado. Procuram porisso orientar seus trabalhos num sentido de exatidão intensa, afim de atinjar ao que chamam a "perfeição do cristal" — reduzem ao minimo possível o fator de imitação, introduzindo em seu lugar aquilo que julgam ser a causa real do bello: ordem rigorosa da geometria.

Dahi resulta que grande numero das obras modernas não passam de composições rebuscadas, em que uma idéa preconcebida cercêa completamente espontaneidade do artista. O cazo de Seurat é típico: ao começar um quadro, escolhe duas ou mais fórmulas geometricas — num circulo, num triangulo, por exemplo — e as applica em toda parte, não como ornato, mas como se fossem a propria estrutura dos objetos em questão. O produto é de efeito meramente decorativo.

Estarão certos ou errados os novos teoristas da arte?

E' difficil dar uma resposta categórica. As suas idéas têm um fundo lojico que não se pôde negar; mas na tentativa de atinjar aos seus objetivos, produziram muita couza indigna e sem valor. Excepcionalmente apareceram algumas obras de extraordinario mérito artistico.

Um só fato é positivo: o verdadeiro artista, aquele que tem em si indefinível sensação do Bello, sempre se revêla, mesmo quando encobrem os odios das controversias ou os postulados rigorozos das doutrinas inapplicaveis.

HENRIQUE E. MINDLIN.  
(Escola de Engenharia Mackenzie)

# Pugnai pela "Caza do Estudante"